

EDIFICAÇÃO DO INDIVÍDUO CONTEMPORÂNEO EM *DIÁRIO DA QUEDA*, DE MICHEL LAUB

GABRIEL FELIPE PAUTZ MUNSBERG¹; ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabriel_munsberg@yahoo.de

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida a recuperação de experiências traumáticas através da memória individual e, consequentemente, coletiva, como base para a construção da própria identidade, tendo como corpus principal o romance *Diário da queda* (2011), de Michel Laub. Neste romance é narrado o drama de um tradutor judeu e de sua família paterna a partir das traumáticas memórias desde o período nacional-socialista alemão e do Holocausto, marco ao qual seu avô sobreviveu, para buscar por algum entendimento de sua situação. Pretende-se, portanto, examinar de que maneira as relações entre memória e identidade são postas em *Diário da queda* como formas possíveis de se compreender a existência do sujeito entregue ao obscuro do contemporâneo, ou como afirma Giorgio Agamben, “aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Mais do que a história de três gerações de uma família, encontra-se em *Diário da queda* a tentativa de compreender as origens identitárias dos personagens, em especial do narrador. Este volta-se para sua infância e revisita a memória sua e de seus pai e avô, reinventando e reorganizando os fragmentos passados e os tumultos do presente. Cabe justificar esta pesquisa pela necessidade de analisar os discursos pós-trauma que recuperam uma história esquecida ou ignorada através da memória individual e levam o leitor a conflitar a história “verdadeira”, considerando também a dívida social que o testemunho pode vir a ter, pois “escrever é também uma forma de dar túmulo aos mortos, para que não sejam esquecidos” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 55).

2. METODOLOGIA

Para tal, a metodologia utilizada nesta análise é própria dos estudos de literatura comparada, ou seja, a análise contrastiva de textualidades alicerçadas nas teorias de intertextualidade (GENETTE, 1982; SAMOYAUT, 2008), história (BENJAMIN, 2012; SELIGMANN-SILVA, 2003), filosofia (AGAMBEN, 2009), memória e identidade (CANDAU, 2012), centralizando o enfoque na literatura brasileira contemporânea (DALCASTAGNE, 2001; PELLEGRINI, 1999).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Michel Laub apresenta em seu romance *Diário da queda* a intrínseca história de três gerações de uma família de origem judaica, baseada em memórias e traumas sofridos para reavaliação do presente e projeção do futuro. Valendo-se dos eventos traumáticos para a criação de uma realidade, na qual será baseada a

busca por respostas, o autor problematiza a função que o testemunho traz ao texto em busca de suas origens.

O protagonista-narrador de *Diário da queda*, do qual o leitor não saberá o nome nem mesmo ao final do livro, apresenta, de forma fragmentada e não-cronológica, relatos das vidas de seu avô, pai e de si próprio, no que se demonstra claramente como uma pesquisa familiar para a compreensão de sua situação, não apenas como sujeito pós-moderno, mas também como um descendente de um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. Os traumas decorrentes do padecimento no *Lager* e o suicídio de seu avô, fatos que marcam profundamente também a vida de seu pai, condicionam a vida do protagonista, o qual utiliza sua escrita como uma ferramenta para conhecer a si mesmo e, dessa forma, poder modificar sua situação, uma vez que somente a rememoração consciente dos fatos propicia o triunfo sobre os traumas e a possibilidade de uma nova vida.

O apagamento da identidade de um sujeito pode ter início na própria intenção de ignorar o passado de seus antecessores, o que pode ser também motivado pela perspectiva de criação de uma nova vida a partir dos novos conceitos que se estabelecerão. O sentimento de estranheza da então criança ao não se entender como membro de uma família judaica e de seus costumes acarreta a fuga deste contexto, utilizando aqui a violência e o alcoolismo precoce para distinguir-se de seus familiares.

Porém, o que foi deixado para trás problematiza a projeção da identidade, uma vez que o sujeito contemporâneo não se vê capaz de unir suas vivências a ponto de rationalizá-las como um todo. Para que aconteça o (re)conhecimento da identidade, os personagens de *Diário da queda* necessitam do trabalho da escritura, que possibilita a formatação da história. Só então o sujeito percebe sua identificação familiar, pois a partir de uma escrita espedaçada (a qual provém de uma percepção fragmentada do narrador contemporâneo) o narrador reduz a história ao seu ponto de vista pessoal, dando “lugar a um subjetivismo pluripessoal, criando uma voz – ou vozes – diretamente envolvida na narração, que a desarticula e fragmenta, focando o movimento miúdo das emoções e o fluxo dos pensamentos” (PELLEGRINI, 1999, p. 217). Entre os fluxos e refluxos do exercício de narrativa a partir das memórias e pensamentos, o protagonista desenvolve sua própria concepção de identidade, visto que “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade” (CANDAU, 2012, p. 18). Rememorar é uma “tragédia árdua e ambígua, pois envolve tanto um confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação –, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52) e, sendo assim, é na exposição de suas memórias que o protagonista-narrador de *Diário da queda* discute as relações familiares e sociais e percebe-se como indivíduo avulso de uma comunidade que, a princípio, não lhe dizia mais nada a respeito. Sua escrita – e leitura – de experiências ou memórias de vida servem como uma rememoração, conforme o conceito benjaminiano, pois “funda [um]a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 2012, p. 228).

Longe de procurar por uma moral da história, o narrador escreve e gera um arquivo através desta escrita que acaba por tornar-se o romance, que tem como objetivo fazer o leitor refletir sobre a vida. Tal arquivo possui o “silêncio dos fragmentos – e do leitor – e está intimamente relacionado ao silêncio do próprio autor. Devemos lembrar que ele os escreveu e não os narrou” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.108).

4. CONCLUSÕES

A partir da leitura de *Diário da queda* é perceptível a complexidade da rememoração exposta pelo autor. A problemática da rememoração e seu conflito direto com o esquecimento problematizam a situação individual e social do personagem. O processo da memória, exercido através da linguagem, mostra-se falho, seguidamente incompleto, e situa a incerteza por toda narrativa, o que evidencia a presença de um narrador suspeito (DALCASTAGNÈ, 2001). Em virtude do trabalho da linguagem, as experiências tornam-se ficções e pontuam o paradoxo da história de vida dos personagens. Mesmo como ficção, a narrativa escrita pelo protagonista aprofunda o questionamento identitário acerca de sua origem e renova a memória de sua família, a qual em breve será aumentada pela chegada de seu primeiro filho – motivo que serve como catalisador ao narrador para escrever o memorial.

Georges Didi-Huberman, compactuando com as teorias benjaminianas, sugere a procura individual de tal triunfo; cito: “cabe somente a nós, em cada situação particular, erguer essa queda à dignidade, à “nova beleza” de uma coreografia, de uma invenção de formas” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 127). “O que ‘cai’ não ‘desaparece’ necessariamente, as imagens estão lá, até mesmo para fazer reaparecer ou transparecer algum resto, vestígio ou sobrevivência” (idem, p. 121). Dessa forma, a narrativa desenvolvida pelo protagonista-narrador aponta para o desejo de apagamento dos traumas, apesar da tomada de responsabilidade por suas ações e plena consciência de sua circunstância, com o intuito de alargá-las, mesmo que dolorosamente, no vago mundo contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso*. **Diálogos Latinoamericanos**, Dinamarca, n. 3, p.114-130, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2011.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.
- LAUB, Michel. **Diário da queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PELLEGRINI, Tânia. **A imagem e a letra – Aspectos da ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.
- SAMOYAUT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.